



Felizmente há bons exemplos. Tudo na vida tem vantagens e desvantagens. O facto de no minibásquete não haver regras que regulamentem as situações de jogos muito desequilibrados

leva a que alguns treinadores transformem o jogo numa correria insana de bater recordes ou vencer o jogo pelo maior resultado possível. Nestas situações não levam em consideração, se os seus jogadores estão a aprender alguma coisa, nem se isso é ou não bom para a modalidade, que tanto dizem gostar. Contudo a ausência de regras, muito complexas e difíceis de fazer, que regulamentem procedimentos em jogos desnivelados, tem para mim uma vantagem, permite perceber quem são os treinadores que verdadeiramente estão interessados na evolução e aprendizagem dos seus jogadores e identificar aqueles que mesmo compreendendo que vão vencer o jogo apenas estão preocupados com o resultado.

Esta era a semana em que eu iria terminar a minha sequência de artigos sobre os resultados desequilibrados, contudo o facto de no domingo passado ter assistido, num convívio de minibásquete da ABL, a uma situação que muito me apraz registar, resolvi escrever mais um artigo sobre este tema, deixando para a semana que vem o artigo final desta já longa sequência de artigos sobre o tema: resultados desequilibrados.

Temos o hábito de criticar as situações menos corretas, mas não nos manifestamos quando observamos bons exemplos. No final dum jogo do convívio da ABL tive o cuidado de me dirigir ao treinador dos Mini-12 do Paço de Arcos, clube que tem vindo a desenvolver no minibásquete um trabalho digno de ser elogiado, e dei-lhe os meus sinceros parabéns, transmitindo-lhe que estes eram os exemplos que me levavam a dizer, assim vale a pena andar pelo universo do minibásquete.

Relatando a situação o que eu verifiquei foi o seguinte, porque o resultado estava desequilibrado e a equipa adversária tinha dificuldades em sair debaixo do seu cesto, o treinador do Paço de Arcos continuou a defender campo inteiro, mas obrigou os seus jogadores a defenderem apenas através do enquadramento defensivo com os jogadores com as mãos atrás das costas, à espera do erro do adversário, para passarem ao contra-ataque.

O jogo fluiu assim de maneira diferente, os jogadores do Paço de Arcos, eram obrigados a um grande esforço de enquadramento defensivo, mas certamente estavam a evoluir, e muito, no trabalho de pés para conseguirem a interposição defensiva e tentar impedir a progressão do adversário. A vitória do Paço de Arcos nunca esteve em causa, mas esta é uma boa solução para alguns dos jogos desequilibrados, e em que todos aprendem e a modalidade beneficia com esse facto.

Às vezes observo boas intenções, mas sem grande proveito para qualquer das equipas. Não deixo de realçar a boa intenção, mas por exemplo, situações em que uma equipa não consegue repor a bola a seguir a cesto, dar a ordem para a equipa mais forte ir para trás do meio campo, nem sempre é uma boa solução. Neste caso não estamos a ensinar os jogadores da equipa mais forte a reagir às perdas da bola e para a outra equipa, apenas estamos a retardar as suas dificuldades por uns segundos, permitindo que avancem uns metros sem oposição no campo para logo de seguida à primeira dificuldade ficarem sem a bola. No fundo continua a não haver jogo. Embora a intenção seja boa não me parece ter grandes proveitos de qualquer das duas equipas. Quando se manipula e condiciona os comportamentos da equipa mais forte, para que o jogo continue a ser um espaço de aprendizagem temos que ter boas opções. Parabéns ao Paço de Arcos pelo trabalho que está a desenvolver no minibásquete e parabéns ao André Roxo seu treinador do Minis-12.